

OPINIÃO PÚBLICA



FOTOS EXCLUSIVAS:

OLHARES SOBRE FAMALICÃO

HISTÓRIAS PESSOAIS

**Mabor:
50 anos
sobre rodas**

**O MEU
25 DE ABRIL**

**Entrevista: presidente da ASPA
contra política de urbanismo**

Impressões de Abril



ARTUR SÁ DA COSTA (textos)

FOTOGRAFIA: “*Jornal de Famalicão*”

O 25 de Abril não chegou a Famalicão de telégrafo como aconteceu com a implantação da República em 1910. Também não foram os jornais locais a fazê-lo. Na era da omnipresente TV, é natural que tenha sido este poderoso meio de comunicação social a dar a conhecer ao país os revolucionários de Abril. Mas foi o povo na rua que determinou o curso da história. A leitura dos três jornais locais que então se publicavam, que consultámos para assinalar o 22º aniversário da revolução dos cravos, aproxima-nos timidamente desta realidade emergente. Foi preciso esperar várias semanas para que a nova era que se abria em Portugal, e, particularmente, em Famalicão, fosse transmitida com mais clareza. E hoje, para sabermos o que de facto se passou necessitamos de preencher as lacunas recorrendo a outras fontes. Caso para dizer que a verdadeira história do 25 de Abril em Famalicão continua por publicar. São os sinais de outro tempo nas páginas que se seguem.

O claro-escuro

Não foi a imprensa local do concelho de Vila Nova de Famalicão, ao tempo com três semanários no activo, que informou os famalicenses da Revolução do 25 de Abril. Poderiam, mesmo em tempo de massificação da televisão, ter sido os seus porta-vozes, se para tanto tivessem engenho, e, sobretudo, vontade. Matéria não lhes faltou. O concelho foi palco de múltiplos episódios e de diversificados conflitos políticos e sociais, alguns de relevância nacional, que escaparam ao seu olhar e interpretação. É o mínimo que se pode dizer.

Apesar de tudo, uma leitura, ainda que superficial e apressada, dos primeiros números publicados após o 25 de Abril de 1974, permite-nos, mesmo a um leitor desprevenido, retirar impressões e colher ideias, capazes de legitimar juízos sobre a maneira como os famalicenses

receberam, viveram e festejaram a revolução dos cravos. Mas, se bem ajuízo, o que acima de tudo a consulta do "Jornal de Famalicão", do "Notícias de Famalicão" e do "Estrela da Manhã" nos revela naquele período são as suas inclinações políticas e ideológicas, indiciando com mediana clareza os comprometimentos dos seus directores. Um episódio, entre outros possíveis, expressa sobremaneira o que se acaba de afirmar: a posição que todos assumiram na luta pela posse da Câmara Municipal, após a instauração da democracia. O que choca, mesmo à distância de mais de 20 anos, não é o apoio que todos, com destaque para o "Estrela da Manhã", deram ao então presidente Dinis D'Orey, até à sua substituição. O que não se compreende é a barreira de silêncio sobre os novos titulares autárquicos, nomeadamente a erguida à Comissão Administrativa e, em particular, ao seu presidente eng^o Pinheiro

Braga. Quem eram e o que faziam. Que passado tinham e o que queriam. Nunca nenhum dos três jornais se preocupou em saber. Nem a uma simples fotografia tiveram direito.

Não será exagero pensar que o 25 de Abril teve, em qualquer dos três títulos, os efeitos de um sóco no estômago vazio, que lhes causou, nos primeiros tempos, uma total desorientação, o que, em parte, pode explicar, a secura informativa, a frieza, senão mesmo a indiferença, a resvalar rapidamente em hostilidade à emergente situação política. E logo que recompostos do aturdimento começaram a aparecer pequenas notas editoriais a balizar o território, quase sempre a lembrar o pensamento já conhecido. Para ilustrar estas impressões, registamos três apontamentos inspirados na leitura dos primeiros números do regime democrático da imprensa local de então: Famalicão, "Notícias de Famalicão" e "Estrela da Manhã".



"Momento Político. Os famalicenses manifestam-se patrioticamente". Era este o título de uma notícia no "Jornal de Famalicão", em 11 de Maio de 1974, sobre as manifestações populares pós-25 de Abril no concelho. A ilustrá-la foi publicada esta fotografia, recolhida na Rua de Adriano Pinto Basto. É a única imagem de motivos locais registada na imprensa local nas edições imediatas à revolução.

tório
49v a
de «E
B-N.
uma
tação,
TER
BEZE
usou
DA C
ZERI
natur
Santo
que
radas
Lour
sias
cida
de 1
Mu
oner

“Rebelações...”

O «Jornal de Familiarção», com saída habitual aos sábados, poderia ter aproveitado esta oportunidade — dia 27 de Abril de 1974 — para consagrar esta sua edição à Revolução de Abril. Dá-lhe a sexta página, noticiando com destaque o derrube do governo de Marcello Caetano e, em subtítulo, a tomada do poder por uma Junta de Salvação Nacional. Em caixa, realça-se a prisão, na Ilha da Madeira, do presidente do Conselho de Ministros e de alguns ministros.

Mas Rebelo Mesquita, o director do jornal, não era homem para esquecer compromissos, que nem mesmo uma Revolução seria capaz de desmarcar. Daí que, na mesma página, ao lado daquela notícia, lembrasse aos seus leitores estar confirmada, para a quarta-feira seguinte, “embora por motivos óbvios, sem a presença das entidades e elementos oficiais, a sessão de cumprimentos ao Presidente da Câmara, dr Dinis D’Orey”.

Mais à frente, sublinhava: “Espera-se, pois, que o Conselho saiba cumprir o seu dever, comparecendo na sua totalidade e na sua mais significativa representação...”

Sabe-se o que se passou a seguir. A sessão foi adiada “sine die”.

Mas o “Jornal de Familiarção” guardava para o número seguinte, com saída a 4 de Maio, uma surpresa aos seus leitores. Em toda a largura da primeira página, com letras garrafais, em tom vermelho, titulava: «Restaurada a democracia no país», acrescentando em subtítulo: «Vitória! Vitória! Grito épico nas manifestações do 1º de Maio».



Por outro lado, só no terceiro número após o 25 de Abril relata as manifestações populares ocorridas em Vila Nova de Famalicão e em Riba

de Ave no 1º de Maio. Nenhum outro jornal foi tão longe, sendo o único a publicar fotos daquelas manifestações. Mas acatelem-se: a orien-

tação editorial nunca esteve em causa. Algum tempo depois regressaram os comentários e os editoriais a que Rebelo Mesquita nos habituara. ■

Traição das palavras

A casualidade da data de saída — 26 de Abril de 1974 — fez com que o 'Notícias de Famacão', propriedade do arceprelado local, na altura dirigido pelo Pe António José Carvalho Guimarães, fosse o primeiro dos três jornais do concelho a referir-se à Revolução do 25 de Abril.

Numa primeira nota, na primeira página, intitulada: «Proclamação *duma* (sublinhado nosso) Junta de Salvação Nacional» divulga-se de forma discreta e contida os nomes da Junta de Salvação Nacional, relatando-se sucintamente os acontecimentos político-militares de âmbito nacional ocorridos no dia anterior. Nem uma palavra a mais. Muito menos um adjectivo que deixasse transparecer um sentimento de apreço ou de alegria... A sábia prudência de séculos assim ensinava.

Mas, bem vistas as coisas, algo ficava de fora, traindo alguém. Chamar à Junta de Salvação Nacional «uma Junta!», ela que se apresentou aos portugueses com nomes, rostos —alguns deles bem conhecidos— e com propósitos firmes de restaurar a democracia e a liberdade em Portugal, é erro (ignorância, não é certamente) imperdoável. Não saudar (mesmo a contragosto) a liberdade restituída aos portugueses é nódoa que jamais se apaga.

Mas esta indiferença, aparente como vimos, do 'NF', é residual. Na verdade, o seu director não enjeitava causas nem regateava apoios. Na mesma página, deste número de 26 de Abril, dava-se igual destaque à conferência de imprensa do presidente da Câmara em exercício, onde este divulgara o plano de actividades. E na última página o 'Notícias' não se esquecia de avivar a memória dos famalicenses para a «sessão de cumprimentos» ao presidente da Câmara Dinis D' Orey, com data marcada para o dia 1º de Maio. António José Carvalho Guimarães, tal como os directores dos outros dois jornais, admitia que o 25 de Abril não vinha alterar em nada o poder municipal!

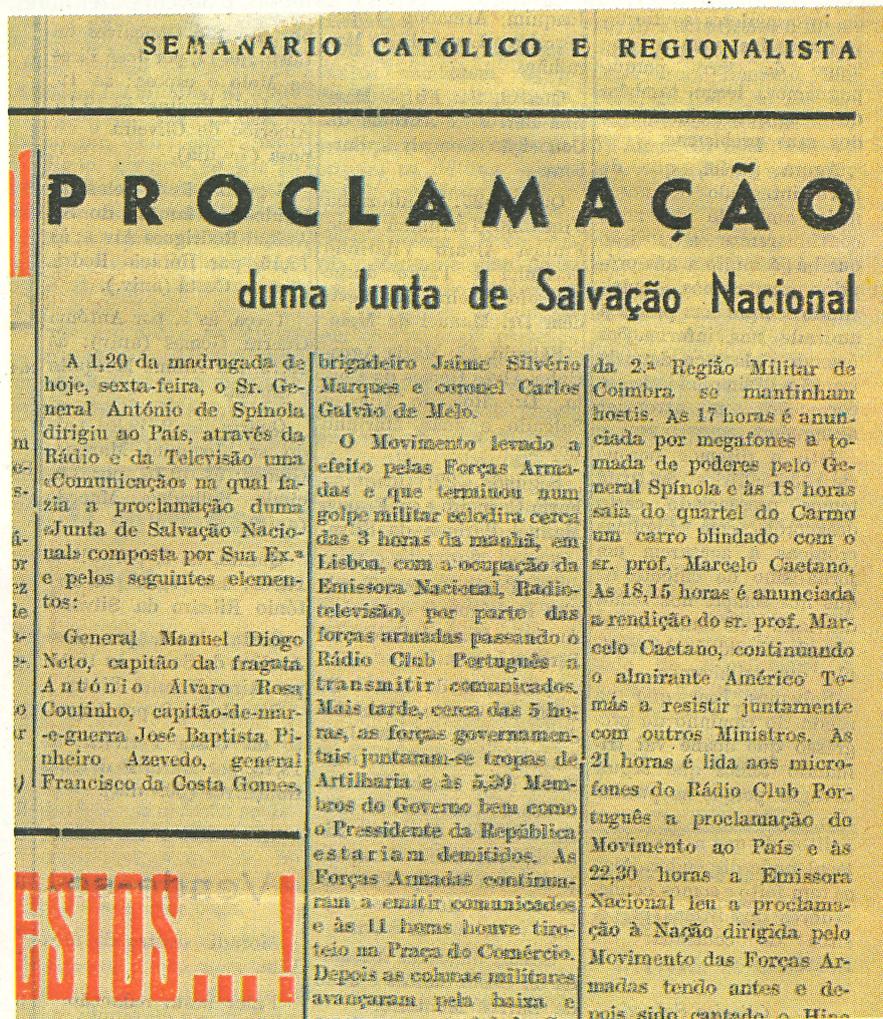
Poder-se-á dizer que é apressado ajuizar um jornal por um só número. Ainda por cima, publicado no dia imediato à revolta militar.

Vejamos então o número seguinte, com data de 3 de Maio. A única referência para a Revolução, já vitoriosa, veio numa pequena nota, no canto inferior direito da primeira página, intitulada: 'Apoio às Forças Armadas', onde se dá conta da manifestação do dia 27 de Abril dos democratas famalicenses em frente à Câmara.

A notícia, muito lacónica e nada adjetivada, limita-se a citar os nomes dos oradores, referindo também a presença de alguns oficiais da Infantaria 8 de Braga. Ao lado desta, o destaque vai para um telegrama da Câmara, cujo conteúdo se transcreve, de apoio à Junta de Salvação

Nacional.

Como nota final, poderá dizer-se que este aparente alheamento, a raia o indiferentismo, se não a hostilidade, pelos acontecimentos políticos locais, neste período efervescente e agitado, por parte do 'NF', vai manter-se nos meses seguintes. As notícias serão sempre breves e muito escassas. E foi preciso aguardar pela edição de 10 de Maio para se ler uma opinião. Que, aliás, não surpreendeu ninguém. Veio obviamente moderada, com um apelo à colaboração de todos: «Sem demagogismos, e sem ódios, sem malquerenças ou animosidades pelo passado». Significativo!*



O 25 de Abril no canto superior direito da primeira página do «Jornal de Famacão» de 26 de Abril de 1974

Flores, muitas flores

O 25 de Abril não foi generoso para com o "Estrela da Manhã". Mas o seu director fez-se pagar bem alto por este desencontre com a história. Com efeito, o "Estrela da Manhã", de José Casimiro, foi apanhado desprevenido, pela contingência da data de saída (24 de Abril). Na primeira página, neste número precocemente envelhecido, titulava dois acontecimentos políticos relevantes. Um de âmbito nacional: a passagem por Famalicão do ministro do Interior, Moreira Baptista, com espera programada na ponte de Ribeirão pelo então presidente da Câmara Dinis D'Orey. José Casimiro, prevenido como era, não se esqueceu de apelar à participação popular. Mas ninguém adivinhava que o todo-poderoso ministro de Marcello Caetano, nesse dia, já estaria preso na ilha da Madeira pelos militares do Movimento das Forças Armadas. O outro acontecimento, este de nível local, destacado por José Casimiro, apelava à participação de todos os famalicenses na sessão de cumprimentos ao presidente da Câmara, Dinis D'Orey, pela passagem do primeiro aniversário da sua tomada de posse. A concentração, como ele designava, das juntas de freguesia, das agremiações e colectividades da terra, instituições culturais e organismos corporativos, foi marcada para a Câmara Municipal

no dia 1 de Maio! Mas, segundo lembrava a nota jornalística do "Estrela da Manhã" de 24 de Abril, "não há convites pessoais, nem comissões". "Nem, de resto, caberiam num movimento de tão significativa espontaneidade", sentenciava. Para as eventualidades, José Casimiro fornecia dois responsáveis: José Mesquita Oliveira, então presidente da Junta de Freguesia de Famalicão, e José da Silva Carvalho, na época presidente do Grémio do Comércio. Mas o jornal "de Casimiro" não deixava de vincar: "Não se esqueçam dos estandartes, e as freguesias que guardam ainda a tradição dos trajes regionais devem apresentar-se com as suas moças gentis e formosas. E devem trazer flores. Muitas flores." E terminava: "Famalicão prepara-se para viver uma grande hora e bem a merece o presidente da Câmara, senhor dr. Dinis D'Orey".

Suprema ironia. No dia da projectada visita do ministro da Informação a Famalicão e no 1º de Maio, data aprazada para a sessão de cumprimentos a Dinis D'Orey, o povo de Famalicão manifestou-se nas ruas, não por nenhuns daqueles motivos mas para, de cravos empunhados, de forma espontânea e sem marcação prévia, vitoriar a liberdade conquistada. O presidente da Câmara, esse mediu pela janela do seu gabinete a força da multidão que se manifestava em frente ao edifício dos Paços do Concelho. Resistiu um mês, até

que foi exonerado pela Junta de Salvação Nacional. Não sem luta, mas após várias peripécias e disputas que o "Estrela da Manhã" bem documenta e que ajudou a arquitectar. A sessão de cumprimentos a Dinis D'Orey, como lembra José Casimiro no número seguinte, apenas foi adiada "por ser feriado". Na verdade, foi adiada "sine die".

Este foi o primeiro sinal de que o desfecho da "guerra" ainda estava por decidir. Recuar para reorganizar terá sido a palavra de ordem. Os números seguintes deste jornal são um bom manual de campanha desta luta política de que José Casimiro foi cronista e líder. E se a revolução mudou o Governo Central e dissolveu a Assembleia Nacional, manteve em suspenso o destino das autarquias. Aqui, a luta política adivinhava-se dura e renhida. Como, de facto, veio a acontecer. E se, em 1910, passados cinco dias, a comissão municipal para a Câmara de Famalicão, liderada pelo senador Sousa Fernandes, já estava em funções, a comissão administrativa nomeada após o 25 de Abril, presidida por Pinheiro Braga, esperou um mês para ser empossada. E as Juntas de Freguesia muito mais tempo aguardaram pela mudança. Com parto bem difícil em muitos casos, que a leitura da imprensa local, dos meses seguintes, deixa transparecer. Mas essa é uma história ainda por contar. ■

Estrela da Manhã

Semanário Regionalista, Literário, e Defensor dos Interesses Económicos da Região

(AVENÇADO)

ASSINATURAS: For semestre (Continente), 40\$; anual, 70\$; Províncias Ultr. Port., ano, 80\$; Brasil, ano, 90\$; Estrangeiro, 100\$. PAGAMENTO ADIANTADO
 ANÚNCIOS: Oficiais, linha, 5\$00 — Comunicados e outros, 4\$00 — Série, preços convencionais — Linémetro tipo corpo 8 — Largura da linha, 48 milímetros —

N.º 735

Proprietário e Director — JOSE CASIMIRO DA SILVA
 Chefe de Redacção: DOMINGOS JOSE MARTINS CASIMIRO DA SILVA
 Redacção, Administração e Officinas — CENTRO GRÁFICO DE FAMILIÇÃO
 Avenida Barão de Trovisqueira, 327 — Telefone 23304
 VILA NOVA DE FAMILIÇÃO

Saudai o Sol que desponta sob um ridente porvir!

Os menos novos, para não dizer os mais velhos que nasceram no alvorecer do século, presenciaram e viveram ao

Viram proclamar a República na madrugada distante e gloriosa do 5 de Outubro de 1910, de cuja memorável

diária da Honra Nacional, a proclamarem o novo Regime e o

pono anónimo, a massa da Nação, a facilitar-lhe a missão, colaborando voluntária e desinteressadamente com eles, que

Veio a efémera ditadura do General Pimenta de Castro, mas logo o Povo manifestou seu descontentamento, e

testemunhos

O MEU
25 DE ABRIL...

A OPINIÃO PÚBLICA convidou vários famalicenses a relatarem a forma como viveram o dia 25 de Abril de 1974. Como tópicos, sugerimos que recordassem onde estavam, pessoal e politicamente, e como reagiram à revolução dos cravos. As pessoas que acederam ao nosso convite poderiam também contar histórias que estiveram relacionadas com a revolução e que considerassem importante a sua revelação. Ao autor de cada texto, identificado pela profissão ou organismo a que pertence actualmente, pedimos também uma fotografia da época. As páginas que se seguem, têm mesmo 22 anos. *L. P. R.*

Dúvidas, incertezas e medos

17H30 24ABR74 17H30 25ABR74

Pedem-me algumas palavras sobre o dia 25 de Abril de 74...
Como me é difícil dizer apenas algumas palavras de Abril...

Passados 22 anos não posso deixar de sentir uma enorme emoção ao sentar-me para dizer um retalho apenas do meu Abril.

17H30 23ABR74 — recebo das mãos de um mensageiro a confirmação do início das operações.

SECRETO

Folha 1 de uma folha

SENHA CONTRA-SENHA — CORAGEM — PELA VITÓRIA

1 - A confirmação do início da operação é determinada por..... sinais indicados..... 2 e 3.

2 - Às (22h55)..... "Emissores Associados de Lisboa" frase indicando que faltam 5 minutos para as vinte e três horas (23h00) disco de Paulo Carvalho «E Depois do Adeus».

3 - Entre as (00h00) e (01h00) dia 25 «Rádio Renascença»
a) Leitura da estrofe do poema «Grândola Vila Morena»

Grândola Vila Morena

Terra da fraternidade

O povo é quem mais ordena

Dentro de ti ó cidade

b) Transmissão da canção do mesmo nome interpretada por José Afonso.

4 - Qualquer dos sinais confirma por si só o início das operações que se tornam.....irreversíveis para todas as unidades.

5 - ...

6 - ...

Nunca qualquer documento me despertara ao ser lido tão grande emoção. Antes que ouvisse «E Depois do Adeus», antes que «Grândola Vila Morena» enchesse a noite, Abril era para mim já irreversível. O beijo com que me despedi da minha mulher e filhas, antes de partir para iniciar a preparação da missão da unidade, querendo dizer apenas até breve, era também ele todo cheio de incertezas e, se não pensei poder ser um até nunca, a verdade é que não deixei de pensar que poderia ser um até muito depois.

17H30 24ABR74 17H30 25ABR74

O dia dos contrastes, dia em que horas foram segundos, dia em que segundos foram horas, dia de dúvidas e de certezas, dia de raiva e de vontade, dia de medos e de temores, dia de sonho e de realidade, dia de um Sol nascer mais belo do que nunca, dia que foi de lágrimas e abraços e que terminou num beijo que foi de certeza por ter Abril vencido e ser depois sempre um até breve.

Mas pediram um pequeno episódio do meu Abril e aqui deixo o primeiro de todos: na última reunião preparatória da revolução tinha ficado combinado que o alerta e o desencadeamento da acção se processariam a partir das 00h00 de 25ABR74 e que o golpe se daria nas 72 horas seguintes. Ficou

ainda assente que os planos de acção seriam transmitidos por estafetas devidamente identificados. Igualmente eu sabia que o mensageiro traria um emblema do Boavista Futebol Clube e um jornal "A Bola" na mão. Às 17h30 não tinha o meu mensageiro, nem o emblema, nem trazia o jornal "A Bola". O primeiro dia de Abril foi de dúvidas, incertezas e medos, mas foi de querer, de vontade, de certezas e de muita, muita alegria, porque o sonho pôde ser realidade. ■

* coronel do Exército na reserva



O primeiro dia de Abril foi de dúvidas, incertezas e medos, mas foi de querer, de vontade, de certezas e de muita, muita alegria. O sonho pôde ser realidade.

Atirador de infantaria

Ao fim de seis meses repartidos pela recruta e especialidade na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, recebi o título de uma nova "profissão". Nunca percebi a outorga tão solene deste novo estatuto, até porque só comecei a acertar no alvo, no campo de tiro, depois de ter colocado por diversas vezes em pânico os instrutores e os meus colegas, que fugiam do cadete de espingarda na mão.

Continência, botas engrachadas, cabelo curto, barba desfeita lá ia cumprindo, sob a ameaça de um qualquer serviço durante o fim-de-semana em Mafra. As calças à boca-de-sino, o cabelo com-prido ou qualquer barba farfalhada não se coadunavam com os regulamentos militares.

Ao fim de cinco meses percebi, que afinal, até era um grande atirador de infantaria, apto para combater o inimigo (IN) em Angola, Guiné, ou Moçambique. O meu instrutor teimava no erro de Descartes em querer transformar-me

num atirador com a mão direita. Só quando, um dia, no campo de tiro, e depois de muitos desastres de pontaria, ousei experimentar a minha pontaria com a mão esquerda, a conselho do sábio do Faria, que perdi de vista quando embarcou para Timor.

As coisas mudaram do dia para a noite. A partir daí percebi o direito ao título "atirador de Infantaria". Raramente falhava o alvo com a pontaria do olho esquerdo. Nem sequer fechava os olhos ao disparar, começando a ter direito a balas reais! Os meus colegas cadetes já passavam por mim mais sossegados.

Estava apto para o embarque. Dizia-se na altura que o meu pelotão tinha o destino traçado para a Guiné. Uma guia de marcha exilava-me em Castelo Branco, a 13 horas de comboio do fim-de-semana, à espera de ser embarcado.

Uns dias de licença no final da especialidade fizeram renascer os pensamen-

tos de me encontrar em Paris com o Custódio e outros amigos, mandado definitivamente a tropa, o "ultramar" para as urtigas.

Com o Cardoso, perfeito como eu do Colégio de Almeida Garrett, fomos de malas aviadas até Armamar, sua terra natal, com destino à fronteira, a Paris. Em sua casa recorro as lágrimas doridas de sua mãe que implorava para que o filho não a deixasse sozinha com os penedos, com o cão e os pinhais vizinhos.

Os seus quadros faziam-me lembrar cenas cruéis de um mundo sonhado. Ao fim de três dias, na soleira da casa, o Cardoso pensativo, disparou-me uma rajada: "Ó Lima, só desertamos se formos para o Ultramar!..."

E assim foi. Decidimos não arriscar a fronteira e acabar com as lágrimas da mãe do Cardoso.

A Castelo Branco nunca chegaria a



Em Lisboa...

guia de marcha para o Ultramar. E de um momento para o outro, o aspirante Lima, transformou-se num formador de recrutas, num mestre de infantaria. Chegou até a comandar pelotões e a 1ª Companhia devido a umas férias do Capitão "Piço", que não largava os cigarros e o pequeno chicote. Sobretudo com estudantes de Coimbra e Lisboa que à PIDE queria despachar para o mato, os 18 meses de exílio em Castelo Branco, vão significar amizades que perduram.

Na memória ainda as intruções nocturnas ao sabor das canções do Zeca Afonso, sinais de revolta abafados com uns copos de Fundão e da Covilhã por debaixo do apartamento da Dona Bia, a inauguração do IT'S, café do jet-set de Castelo Branco, abrilhantada com a entrada forçada de um burro perdido perdido na rua, cenas de pancadaria na prisão da PSP só para oficiais, processos disciplinares absolvidos pelo jurista-mor do quartel, o José Salvador, licenças de férias furtivas salvas de enorme porrada pelo furriel Vieira diante do major Cabeçadas, bailes intermináveis em Cebolais, Alpedrinha com a loira, a mamuda e a professora primária que marcava encontros na Pastelaria Belarte...

O 25 de Abril apanhou-me em Lisboa às voltas com a tática da azeitona e do bagaço para as radiografias puderem acusar qualquer úlcera no estômago, que dava direito na altura a uma baixa prolongada, a uns meses de férias e a oportunidade de fazer mais alguma cadeira na Faculdade de Filosofia, no Porto.

Na ocupação da RTP, no Lumiar, ali a tão perto da EPAM, nos cravos floridos das ruas de Lisboa, pude saborear os sinais de liberdade que finalmente floria em Abril. Rapidamente aparece a colocação no Quartel General no Porto com a defesa da sede do CDS e as majestosas garrafas intrincheiradas há anos na cave do palácio, os SUV do CICAP-RASP que me levaram ao Tribunal Militar com o Amaro e o advogado Strech Monteiro, as campanhas de dinamização do MFA pelo Norte do país de barba crescida, com sessões inescquecíveis em Pevidém, Creixomil, o PREC assumido, afinal, na sua plenitude.

Em Abril de 1975, o alferes Lima passa à disponibilidade, podendo retomar a Filosofia da Faculdade de Letras, e os sabores ainda vivos de Abril ao ritmo do Grito do Povo, da Fec-mi, do Perspectiva, do Minhoto, da Base-Fut, das manifestações. Da liberdade, afinal.■

* professor do Ensino Secundário e assessor do presidente da Câmara de Vila Nova de Famalicão

Estava eu em Lisboa, na Universidade, quando ocorreu o 25 de Abril de 1974. Os tempos de Universidade eram de grande altruísmo, dedicação, próprios da altura. Era uma época maravilhosa. Foi assim, e nesta idade, que se deu o 25 de Abril.

Estávamos em plena guerra colonial.

Vibrei, como qualquer universitário, com a Revolução, até porque foi um alívio, para nós jovens, ter acabado a guerra.

Tudo aquilo era fantástico.

Tropa na rua, cantares revolucionários... de repente, tudo ficou diferente e dava uma nova esperança aos nossos

anseios.

Corri pelas ruas, fui ver o assalto ao quartel da PIDE/DGS: Não tive medo.

Tudo à minha volta era festa.

Assisti, no Largo da Estrela, à homenagem ao capitão Peralta (soldado cubano, preso na Guiné-Bissau pelos soldados portugueses), como herói da Revolução. Foi emocionalmente terrível.

As pessoas gritavam palavras de ordem, tudo era posto em causa. Delírio colectivo.

* gerente da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Vila Nova de Famalicão e deputado do PSD à Assembleia da República

Estávamos em plena guerra colonial. Vibrei, como qualquer universitário, com a Revolução, até porque foi um alívio, para nós jovens, ter acabado a guerra. Tudo aquilo era fantástico.



À esquerda, Germano Abreu, integrando uma equipa de futebol

Histórias para um livro...

O dia 25 de Abril de 1974 «apanhou-me» com 31 anos de idade, casado há dois, com um filho de oito meses - hoje a concluir um curso de Engenharia. O tempo voa. Funcionário bancário no Banco Espírito Santo, em Famalicão, ganhava cinco contos por mês. Só de renda da casa, pagava dois.

A revolução de Abril foi para mim absolutamente inesperada. Não possuindo «pedigree» anti-fascista, nunca imaginei o regime de Marcello Caetano, vigente na altura, minimamente vulnerável a um golpe de Estado; nem pouco mais ou menos. Tomei conhecimento da revolução, ao entrar no Café Pica-Pau, onde habitualmente ia tomar café antes de ir trabalhar para o banco.

Confesso ter uma memória difusa das emoções sentidas. Não tive medo. Talvez um misto de curiosidade, expectativa e satisfação. Afinal, numas quaisquer eleições havidas em pleno regime salazarista, recordo perfeitamente ter votado nas listas da oposição. O fiscal dessa mesma oposição na mesa de voto, era o dr. Lino Lima, destacado militante do PCP no período pós-revolucionário, cuja esposa, já falecida, era minha familiar.

Curiosamente, passados muitos anos e já em pleno regime democrático, o conhecido advogado apresentou-se a votar numa secção por mim presidida, nas «escolas velhas». Bilhete de identidade na mão, cenho carregado, não me «conheceu». Afinal, eu era do CDS, à época o partido dos «fascistas». Por essa razão, a sede do CDS em Famalicão, foi saqueada. Por essa razão, apanhei um dos maiores sustos da minha vida, em pleno Palácio de Cristal (hoje Pavilhão Rosa Mota), no Porto, no 1º Congresso do CDS, em 1975. Cercado por hordas ululantes de centenas de «revolucionários» aos gritos de «morte aos fascistas e a quem os apoiar». Não fosse a lúcida intervenção de convidados estrangeiros presentes no Congresso e não sei se hoje estaria de boa saúde. No meio do tumulto geral, recorde-me perfeitamente de assistir a uma frenética conversa telefónica de um convidado francês. Posteriormente, vim a saber que do outro lado da linha estava o Presidente da República de França, Giscard d'Estaing. Havia sido acordado pelos assessores às três horas da madru-



Raul Tavares Bastos num registo com a família

gada e actuou. O prof. Freitas do Amaral, no palco, mantinha uma máscara glacial de grande dignidade, com Adelino Amaro da Costa sempre a seu lado. Movimentaram-se as chancelarias em Lisboa e em poucas horas apareceu uma companhia de fuzileiros, vindos dos «céus», a dispersar os manifestantes. Lá consegui escapar por um portão lateral do Palácio. Só parei em Famalicão, de comboio, seriam nove ou dez horas da manhã. Meio camuflado, mas inteiro.

Como é evidente, em Famalicão, a mudança de regime provocou um autêntico terramoto no meio político local, no qual não participei inicialmente. O velho «revirvalho», com o eng. Pinheiro Braga à cabeça, tomou conta da Câmara Municipal. O luzídio Mercedes preto da presidência passou a transportar operários e respectivas ferramentas. A revolução estava no auge. Enfeitadas com cravos vermelhos e com o «slogan» «o povo é quem mais ordena, dentro de ti ò cidade», dezenas de placas inundaram as secções da Câmara. Certo dia, entrei no Restaurante Tanoeiro para almoçar e um amigo comum sentou-se numa mesa onde estava o eng. Pinheiro Braga. Modesto empregado bancário, ainda jovem, recordo perfeitamente a minha inibição durante

o almoço. Quase não articulei palavra. Afinal, sempre estava na presença do senhor presidente da Câmara, todo poderoso e importante, perorando sobre os benefícios da revolução e do socialismo. Estava nos antípodas da minha imaginação saber que, passado pouco mais de um ano, me apresentaria em compita eleitoral com ele, para o cargo de presidente da Câmara de Famalicão, nas primeiras eleições autárquicas, realizadas em 12 de Dezembro de 1976. Um pelo CDS, o outro pela FEPU ou APU. «Você é muito novo para ser presidente da Câmara», disse-me na altura o distinto jornalista José Casimiro da Silva. Tinha razão. Não ganhei, mas obtive uma votação na ordem dos 27 por cento, ficando como vereador a tempo inteiro. Posteriormente, e em reuniões da Câmara que se arrastavam madrugada adentro, foram

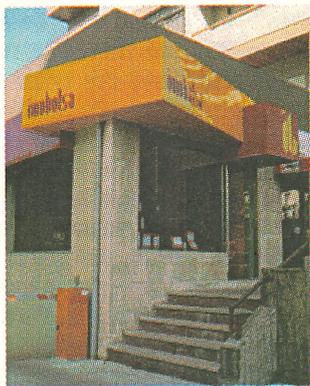
inúmeras as discussões surrealistas em matéria do foro ideológico que travei com o eng. Pinheiro Braga. Figura típica do PREC (Processo Revolucionário Em Curso) famalicense, o meu «adversário» era muito teimoso e sabido, raposa velha da política. Era também boa pessoa, cuja memória recordo com saudade.

Frutos dessa época, conheci ainda muitos outros «democratas», «anti-fascistas» e similares. Gente hoje bem instalada na vida, genuínos «fachos» na semântica revolucionária do PREC. À semelhança de Vera Lagoa, estou perfeitamente apto a escrever um livro. Com o seguinte título: «Os revolucionários que eu conheci. Em Famalicão». De sucesso garantido.■

* deputado do Partido Popular na Assembleia Municipal de Vila Nova de Famalicão

Confesso ter uma memória difusa das emoções sentidas. Não tive medo. Talvez um misto de curiosidade, expectativa e satisfação. Afinal, numas eleições em regime salazarista, recordo ter votado nas listas da oposição.

imobolsa



Rua Ernesto Carvalho
Edifício Nápoles - Loja 1
Tel. (052) 318300
Fax (052) 318301
V. N. Famalicão

- COMPRA
- VENDA
- ARRENDAMENTO
- TRESPASSES
- CONDOMÍNIOS
- GESTÃO IMOBILIÁRIA
- AVALIAÇÕES

Loja

CORSUPER

80
LOJAS

Lojas Corsuper Preços Baixos

FAMALICÃO

Castelões
Nine
Vilarinho
Pousada Saramagos
Pedome
Ruivães
Oliveira Stª Maria
Vermoim
Gondifelos
Lemenhe
Novais S. Simão
S. Tiago Cruz
Requião
Louro
Landim
Delães
Joane
Vale S. Cosme
RIBA D'AVE
Serzedelo
Fonte Má
Monte Frades
TROFA
S. Tiago do Bougado
Muro

GUIMARÃES

Gondar
Airão Stª Maria
Moreira Cónegos
Ronfe
Vermil
S. Tiago Candoso
Creixomil
Mascotelos
Pinheiro
Azurém
Santa Eufémia
Prazins
Souto Stª Maria
Lordelo
SANTO TIRSO
S. Tomé Negrelos
Roriz
Rebordões
Samoça
S. Martinho Campo
Vila das Aves
BARCELOS
Arcozelo

**COM
QUALIDADE
E PREÇO
PARA
O SERVIR**

GRUPO

corefa

Edna Cardoso *

A partir de Luanda...

Invocar o dia 25 de Abril de 1974 será, no mínimo, recuar no tempo e no espaço. Sendo uma certeza que a invocação constitui um facto de relevante significado na vida das populações, quer de Portugal, quer das então denominadas Províncias Ultramarinas Portuguesas, no meu caso específico, ela tem a particularidade de me fazer transportar, num voo quimérico, à terra onde meus olhos viram, pela primeira vez, a luz e o brilho intenso e esplendoroso de um sol, que só o de África é capaz de reflectir. E, num sentimento misto de saudade e ressentimento dimanado da perfídia a que foram sujeitas gentes humildes, dóceis, leais e solidárias como aquelas com as quais partilhei, durante vinte e seis anos primeiro as minhas brincadeiras, depois os bancos da escola, a seguir os liceus e finalmente uma vida profissional e social em comum, afloramente à memória, neste momento, entre outras vivências e recordações, as horas de expectativa e a forma como chegaram até mim as notícias sobre a Revolução dos Cravos.

Tudo corria dentro da normalidade e de acordo com o que era o dia a dia de gente laboriosa, nesse longínquo Abril de temperatura tórridas próprias daquele período do ano, em Luanda, capital de Angola. Luanda, cidade situada a Norte e que sem receios de ser acusada de bairrismos exacerbados considero ser, à época, a mais bela, progressiva e moderna cidade de todo o continente africano.

Ninguém sabia de nada! Os órgãos de informação difundiam nos seus blocos noticiosos ou nas páginas dos jornais as notícias de cariz habitual. Só talvez na tarde do dia 25 ou já no dia 26, começaram a soar os primeiros rumores, embora de forma algo nebulosa. Ninguém ousava falar alto ou comentar, tudo se resumia a "zum-zuns" ou "cochichos" que nos faziam crer que algo de anormal se passava em Portugal. Apontava-se para um presumível golpe de Estado. A ansiedade e as interrogações eram mais do que muitas. Nessa altura, para além da minha função de professora que exercia no ensino oficial, acumulava as funções docentes, em regime de "part-time", no ensino particular, no Colégio Santo Condestável, situado no bairro da Cuca, assim designado por aí se encontrar instalada a fábrica da Companhia União de Cervejas de Angola (Cuca). Para fazer face às des-



Edna Cardoso em família

pesas com os estudos desempenhavam ali funções idênticas, dois rapazes estudantes universitários, alunos da Faculdade de Medicina de Luanda e que, de acordo com o momento, me pareciam de posse de razoável informação. Eram eles que, embora debaixo de algum secretismo e algumas reservas, nos iam fazendo o ponto da situação. Mais tarde compreendi a razão que justificava a sua boa informação - ambos tinham ligações ou aproximações ao Movimento Popular para a Libertação de Angola, o MPLA. Com alguma tristeza, tive conhecimento que, um deles, o Zé Barbas, tinha sido preso e torturado nos colabouços do MPLA, na sequência da designada "Revolta Nito Alves", chegando mesmo a constar que, apesar das diligências feitas pela mulher e amigos junto do Governo de Angola, o Zé veio a morrer nas cadeias do MPLA. Aos minutos que pareciam longos, sucederam-se as horas e, a estas, a confirmação dos factos: o Regime tinha sido deposto e Marcelo Caetano e Américo Tomás iriam partir para o exílio.

Os dias que se seguiram foram de autêntica euforia, regozijo e esperança. Negros, brancos e mestiços, não sei se todos de igual maneira, sobre isso restam-me algumas dúvidas, começaram a traçar o esboço de uma Angola livre e promissora. Pessoalmente, e porque sempre me considereei um ser com direito à liberdade, foi também com alguma emoção que vivi não o dia 25 de Abril, por que pelas cir-

cunstâncias, esse para nós aconteceu de uma forma um pouco ténue e distante, mas eco que dele nos chegou. No entanto, tenho presentes, com a mesma nitidez, as palavras que proferi nos dias imediatamente a seguir junto dos familiares mais próximos e dos amigos: "Vamo-nos embora, porque esta terra para nós não tem futuro". E este "nós", era o conjunto de pessoas que como eu, os meus pais e a minha filha mais velha tivemos aquela terra por berço, ou aquelas que as amando a adoptaram como sua, nela investindo todos os seus proventos, dos quais se viram, depois, miseravelmente espoliados. E aqui, não poderei deixar de evocar esse ilustre homem das letras ainda recentemente desaparecido, António José Saraiva, que sem rodeios e sem peias, e apesar das suas conhecidas convicções políticas classificou a descolonização de Angola "da maior vergonha da História de Portugal a seguir a Alcácer-Quibir", chegando-lhe mesmo a chamar a "debanda em pé descalço". Intuição feminina, ou não, 22 anos depois, a essência do programa do MFA - Descolonizar, Democratizar e Desenvolver - não colheu junto de alguns povos que, não sendo capazes de se apropriarem desta "máxima", continuam, de forma quimérica a perseguir uma miragem que já um futuro que já tarda em chegar...

* professora do Ensino Básico;
directora do jornal
"Cidade Hoje"

Algo já esperado

Pedem-me um registo vivencial, na primeira pessoa, do dia 25 de Abril de 1974- o dia da revolução, da liberdade. É difícil situar-me isoladamente no cenário que foi protagonizado por um Povo inteiro. Também a esta distância de vinte e dois anos, receio que na minha memória se tenham apagado fragmentos desse dia de esplendor.

Tentando recriá-lo, são, em primeiro lugar, as recordações de natureza sensitiva que me ocorrem - aquelas que vão das emoções e ansiedades que senti, às mãos dadas, ao frémito, ao cântico e à alegria esfusante e de um povo que quebra as suas algemas e se liberta ao fim de um século de opressão.

Só depois, fragmentadas e desordenadas, chegam as imagens das ocorrências físicas, concretas, dos passos dados e dos encontros buscados, na "conspiração" em que nos envolvemos para derrotar o fascismo, afirmação esta que necessita de um esclarecimento: o de que o 25 de Abril não foi para mim (e para muitos outros) algo que não fosse aguardado. No seio da oposição democrática de Braga (CDE), em que já agia há anos, o derrube do Governo de Marcelo Caetano era acontecimento esperado a qualquer momento.

Mas, indo ao testemunho vivencial que me foi pedido e ordenado, então, o melhor possível, o filme da memória factual, poderei contar o seguinte: trabalhava na altura no Porto, onde pernoitava algumas vezes em casa de uma filha, na rua de Monsanto. Aconteceu aí dormir na noite de 24 para 25.

De manhã, pelas 8.30 h, quando me dirigia no meu carro para o escritório - atento aos noticiários, como sempre comecei por notar o silêncio da Emissora Nacional e ouvir minutos volvidos o comunicado do Movimento das Forças Armadas, que não obstante a sua substância, discursiva democrática e a música do Zeca Afonso, com a "Grândola, Vila Morena", me deixou suspenso de enorme ansiedade.

Decidido a não acatar as instruções do MFA, que aconselhavam as pessoas a permanecer em casa, continuei a viagem até ao escritório, na Rua Campo Alegre. Durante o percurso, pude observar em todos os rostos das pessoas (não muitas) que se cruzavam nas ruas, os sinais de um grande nervosismo e uma grande

pressa no caminhar. Era, creio, uma quinta-feira. Chegado ao escritório, notei que a grande parte dos colegas tinham comparecido, vendo-se em todos, também, uma grande excitação. A meio da manhã a empresa decidiu encerrar. De facto, ninguém conseguira "agarrar" o trabalho. Em grupos, as pessoas mantinham-se junto aos transistores e cruzavam-se os telefonemas, não, de serviço, mas de perguntas e interrogações, sobre os acontecimentos que estavam a desenrolar-se.

O escritório foi ficando vazio, silencioso. Entretanto, eu tentava obter informações concretas sobre a natureza do golpe militar em curso. Não pude confirmar, para além daquilo que era uma evidência: o Governo de Marcelo Caetano fôra derrubado. Com fontes do Partido Comunista, a que já pertencia, era impossível qualquer contacto. Estava-se a sair da noite fascista e os circuitos eram

difíceis, clandestinos.

Consegui saber, contudo, que havia instruções para uma grande vigilância e mobilização para as ruas, principalmente para a "baixa" do Porto, logo que instruções definitivas fossem transmitidas nesse sentido. Resolvi não esperar na cidade. Intressava-me acompanhar o desenvolvimento da situação em Riba D'Ave, junto da zona têxtil. Dirigi-me então para aí, a fim de estabelecer as ligações a nível local. Quando cheguei, os camaradas do Partido e outros democratas, já se movimentavam a partir do meio da tarde.

Após vários contactos, tínhamos já a confirmação de mobilizar para as primeiras manifestações de apoio aos militares revoltosos, pois a liberdade de um povo conquista-se sempre nas ruas, no calor e no entusiasmo da luta. Acabei o dia em Riba D'Ave. Já entrava na noite quando a Junta de Salvação Nacional, emergente do golpe militar, se apresentou ao país, através da televisão e da rádio. A composição dos seus membros revelou a correlação de forças.

Multiplicaram-se os contactos pela noite fora e, na sua sequência, a área de Riba D'Ave (que tinha assinalado peso na movimentação oposicionista) assumiu a responsabilidade de apoiar a concentração das forças democráticas em Famalicão, no dia 28 de Abril e a de mobilizar e organizar a manifestação na rua 1º de Maio - que foi em Riba D'Ave uma gigantesca manifestação de massas, com o desfilar de milhares de trabalhadores, desde os Bombeiros até ao Sindicato Têxtil de Delães. (Em tempo: existe um filme de 8mm., que é património da memória colectiva, que obrigatoriamente deve ser preservado).

Evidentemente que cada contacto, cada conversa, cada abraço desse dia é por si uma história para ser contada... Por hoje, com o espaço contado à linha, este é o meu depoimento, tão sucinto e pessoalizado quanto possível, do dia maior da nossa história moderna. Como disse José Saramago: "... a 25 de Abril o povo começou a mover-se. E desde aí que não parou mais, nem mesmo quando o querem deter por actos violentos ou palavras mansas. Agora os golpes e torna a avançar. Ei-lo em marcha!..."

